



1367 | 1383 D. Fernando I

PILARTE

ÍNDICE

Pilarte	4
Quinas	8
Coroa	10
Trifólios	12
Letra monetária	13
Cruz	13
Cruz potentada	15
Cruz de cristo	16
Tipologia (letras)	17
Sinais ocultos	21
Separadores	23
Circunferências e punções	24
Pilarte falso	25
Considerações finais	29

1367 | 1383 D. Fernando I PILARTE

O reinado de D. Fernando – O Formoso – é seguramente um dos reinados mais fascinantes e inovadores de toda a numária portuguesa. Para além da reestruturação das moedas que compunham o sistema monetário, foi um reinado inovador ao nível do grafismo e tipologia, com moedas emblemáticas como a **Barbuda**, o **Pilarte**, o **Grave**, o **Tornês de Busto**, o **Tornês de Escudo**, o **Real** e o **Forte**.

O presente estudo centra-se no Pilarte, que, de acordo com Marques (1978), constituiu um dos primeiros esforços de saneamento monetário deste monarca. Os Pilartes terão sido cunhados após a assinatura do acordo de Alcoutim em 1371, que selava a paz com Castela (Marques 1996).

A designação de Pilarte dá voz à tradição de atribuição de denominações monetárias com base em soldados que acompanhavam os cavaleiros franceses, neste caso os soldados a pé. Os Pilartes são também designados por Coroados, pela coroa que apresentam numa das faces.

O Pilarte faz parte de uma tendência estilística da numária medieval europeia inspirada no *double paris* mandados cunhar por Carlos IV de França. Apesar da sua beleza gráfica, os Pilartes são moedas de tipologia simples, com todos os Pilartes conhecidos a poderem ser classificados numa única tipologia, com algumas variações.

No **anverso**, o Pilarte apresenta o seu elemento caracterizador, uma coroa curva floreada de grandes dimensões, com três florões e duas pontas ornamentadas com um trifólio. O anverso apresenta, normalmente, uma letra monetária em posição lateral ao florão central, com ou sem sinal oculto posicionado em lado oposto à letra monetária e, em alguns casos, com uma cruz de Cristo apresentada abaixo da coroa.

O **reverso**, também de tipologia única, apresenta cinco quinas em forma de cruz, com cinco besantes em aspa, uma central e quatro a interromper a legenda ligadas entre si pela circunferência interior. As quinas laterais estão posicionadas horizontalmente e viradas para a quina central.

Ambas as faces da moeda apresentam, entre circunferências ponteadas, legendas de leitura orientada no sentido horário. A legenda do reverso é interrompida pelas quatro quinas circundantes.

A cunhagem dos Pilartes é atribuída às casas da moeda de Lisboa, Porto e Miranda do Douro. Não alimentamos, nem pretendemos, a discussão geográfica acerca da localização da oficina **M**, optamos por Miranda do Douro apenas por motivos relacionados com a história da numismática.

A cunhagem da Casa da Moeda de Lisboa é identificável pela letra monetária **L** colocada à direita do florão central. Algumas moedas apresentam uma cruz abaixo da coroa. O reverso apresenta um anelete normalmente posicionado entre as quinas superior e central.

A cunhagem da Casa da Moeda do Porto é identificável pela letra monetária **P** situada abaixo da coroa. De acordo com Marques (1978), o anelete do reverso aparece posicionado no primeiro quadrante do campo. No entanto, Gomes (2013) apresenta imagens de moedas com o anelete posicionado entre as quinas superior e central e moedas sem qualquer anelete.

A Casa da Moeda de Miranda do Douro identifica-se por uma letra monetária **M** posicionada abaixo da coroa, mas, ao contrário das restantes, o sinal oculto é apresentado no reverso no primeiro ou segundo quadrante. Estas moedas não apresentam anelete no reverso.

O diâmetro dos Pilartes varia entre os 18 e os 20 mm. Quanto ao peso, Marques (1978) aponta para um peso médio (desvio padrão) de 1,5 (0,15) grama, que corresponde a 30 (3) grãos. Ainda com base na mesma referência, os Pilartes teriam uma talha legal de 148 peças em marco que se traduz no peso de 31,135 grãos, dentro do intervalo apresentado. A lei seria de 2 dinheiros que correspondem a 5,19 grãos de prata.

As legendas, ainda que com várias variantes como é normal na numária medieval, são bastante consistentes, com variações de grafia e simbologia, mas não de mensagem ou conteúdo. No anverso, a legenda apresenta variações de "**Fernandvs Rex Portvg**" e no reverso variações de abreviaturas de "**Si Dominus Michi Adjutor**", que se traduz para "O Senhor É Quem Me Ajuda".



Lisboa



+ FERNANDVS : REX : PORTV :

SID nS:m ICH I:AD



Porto



+ FERNANDVS : REX : PORTV :

SID nIS mIC HI 8



Miranda
do
Douro



+ FERnAnDV [...] [...] EX : POR

[...] [nIS] [mIC] [...]

QUINAS

Lisboa



Porto



direção das quinas



quinas mais pequenas
quinas mais arredondadas
quinas mais separadas em si
besante central maior
rebordo mais grosso



quinas maiores
quinas mais quadrangulares
quinas mais juntas entre si
todos os besantes da mesma dimensão
rebordo mais fino

Miranda do Douro



direção das quinas



quinas maiores
 quinas mais quadrangulares
 quinas mais juntas entre si
 todos os besantes da mesma dimensão
 rebordo mais fino
 semelhante ao exemplar do Porto

COROA

Lisboa



Porto

Miranda
do
Douro



Estilização de **folha de carvalho** (?): em algumas culturas uma árvore sagrada, símbolo de força, resistência, imponência e longevidade.

NOTAS GERAIS

As coroas das casas de Lisboa, Porto e Miranda do Douro apresentam semelhanças evidentes, com diferenças não significativas.

Encontram-se principalmente na forma da folha/florão e são ligeiramente mais finas/elegantes na coroa do Porto e de Miranda do Douro.

Outra pequena diferença que se constata prende-se com o facto dos trifólios na coroa de Lisboa serem ligeiramente mais "arredondados".

Lisboa



Porto



Os **trifólios** são estilizações de flores, com três pétalas, que se associam às plantas da família do trevo. Do ponto de vista matemático trata-se de uma rosácea de três pontas (folhas).

LETRA MONETÁRIA

Lisboa

Miranda do Douro

Porto



letra L

letra P

CRUZ início da legenda

Lisboa

Porto



cruz potentada

Miranda do Douro

cruz original reconstituída



cruz de cristo



NOTAS GERAIS

No caso dos pilartes de Lisboa e do Porto, com base no universo de exemplares analisados, a legenda inicia-se com uma cruz potentada. No entanto, alguns exemplares do Porto, apresentam uma cruz de cristo.

O pilarte de Miranda do Douro apresentado neste estudo tem presente a cruz de cristo. No que diz respeito aos exemplares desta "casa", atendendo ao diminuto número de moedas conhecidas, não se pode tirar uma conclusão definitiva sobre a prática usual da "escolha" do tipo de cruz.

CRUZ POTENTADA



terreno
(horizontalidade)



divino
(verticalidade)



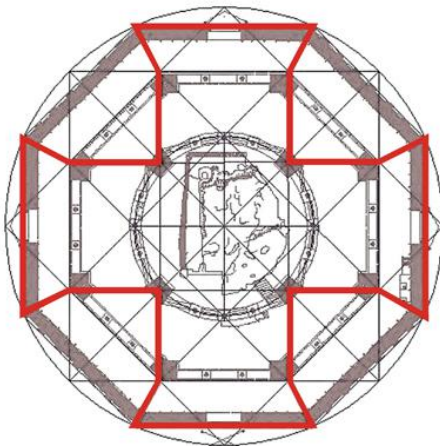
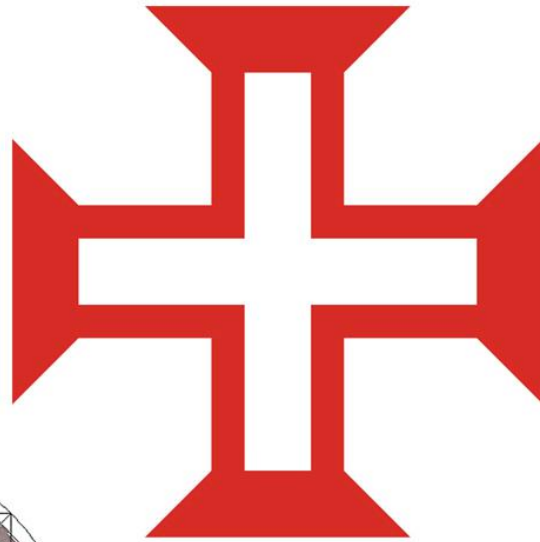
quatro cantos do mundo (?)
quatro elementos (?)
(equilíbrio)

A **cruz potentada** - utilizada pelos cruzados nas suas campanhas e imensamente utilizada em manuscritos medievais - tem como base uma cruz grega, mas com os *braços* em forma de "T".

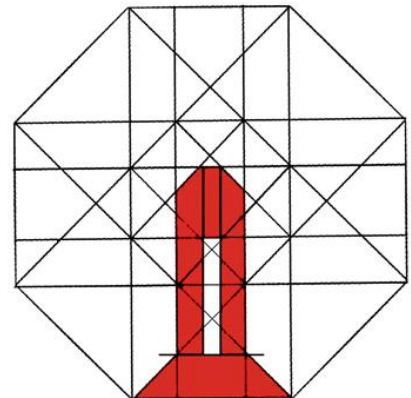
Os 4 braços têm o mesmo tamanho, representando o céu e a terra, o divino e o terreno, o espírito e a matéria.

Conjugados em equilíbrio pressupõem a união dos opostos e a harmonia que poderá existir entre eles.

CRUZ DE CRISTO



planta templo de salomão



geometria | construção da cruz

Para alguns autores a *geometria* da **cruz de cristo** foi inspirada na planta do templo de salomão.

Terá surgido no início do séc XIV, com a extinção da ordem do templo. Portugal, de uma forma diplomática, para não contrariar ordens papais - e para não mostrar ingratidão a uma ordem que tantas vezes e tanto havia feito pelo país (quer militarmente quer politicamente) - fez nascer a ordem de cristo. Na prática, um novo nome e uma nova cruz para a antiga ordem.

Embora nas moedas a forma da cruz mostre o contorno geral, a verdade é que a cruz de cristo é formada por duas cruzes: a uma cruz maior, com quatro braços do mesmo tamanho, "trancados", (vermelha como a tradição templária) sobrepõe-se uma cruz grega branca que significa para a cristandade inocência e pureza.

O significado geral parece evidente: **cavaleiros templários** (cruz vermelha) **inocentes** (cruz branca) - isto depois da perseguição, acusação e extinção da ordem do templo é deveras relevante.

TIPOLOGIA | ALGUMAS LETRAS

Lisboa



Porto



letra R

letra R original reconstituída



letra M



letra S



letra D



letra D original reconstituída



letra V



letra T



letra T original reconstituída

Miranda do Douro



letra R



letra A



letra O



reconstituição



Lisboa



Porto



Miranda do Douro

SINAIS OCULTOS

Lisboa



Porto



anelete com ponto

anelete

localizado | alinhado
entre a quina superior
e a quina central

localizado no 1º quadrante
próximo da circunferência (punção)

Miranda do Douro



flor

localizada no 1º quadrante
centrada | próxima da quina superior, quina central e quina lateral direita

SEPARADORES

Lisboa

apenas apresenta pontos
(dois pontos)



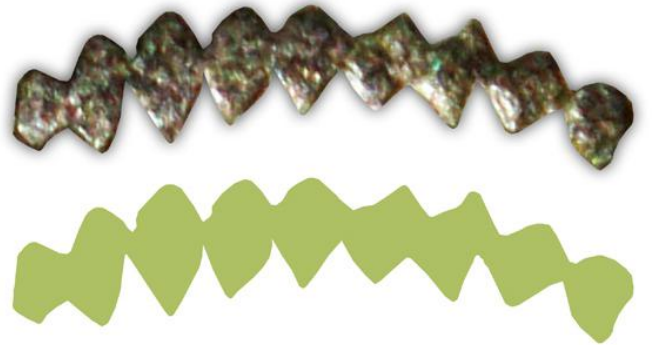
Porto

apresenta pontos e aneletes
(dois pontos e dois aneletes)



CIRCUNFERÊNCIAS | PUNÇÕES

Lisboa



Porto



As punções no reverso apresentam-se idênticas. Em algumas zonas da circunferência poderão estar mais espaçadas.

PILARTE “M” FALSO



letra “M” errada



letra “M” certa



trifólios errados



trifólios certos



letras erradas
(ex: letra R)



letras certas
(ex: letra R)

PILARTE "M" FALSO



1.



mesmo cunho



2.



Este cunho - fig. 1. e fig. 2. - é já conhecido dos colecionadores e numismatas. Além destas duas "moedas", existem outras com exatamente o mesmo cunho. Sendo assim a análise anterior (pág. 25) e a que se segue abrangem um universo maior de que estas são apenas exemplos.

Todas as conclusões que se poderão tirar destas duas moedas enquadram-se portanto em outras similares.

SOBREPOSIÇÃO



1. + 2. = encaixe total



encaixe em
todas as letras e
separadores
continuidade das letras
de uma moeda para a outra

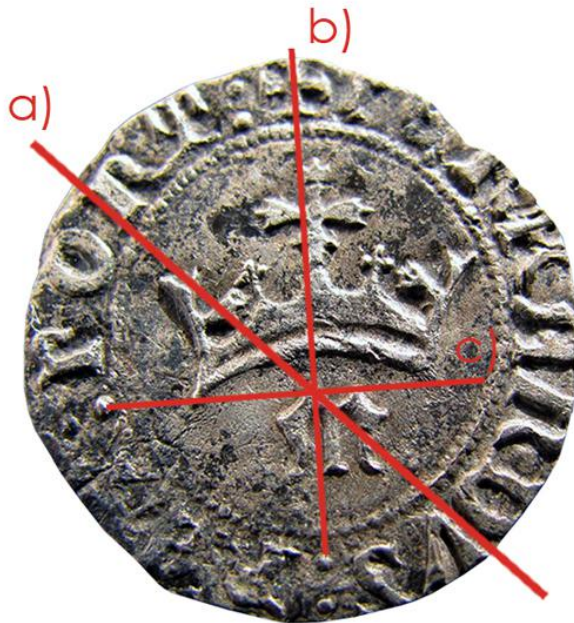
encaixe total
na letra monetária

encaixe total
na coroa
(florões e trifólios)

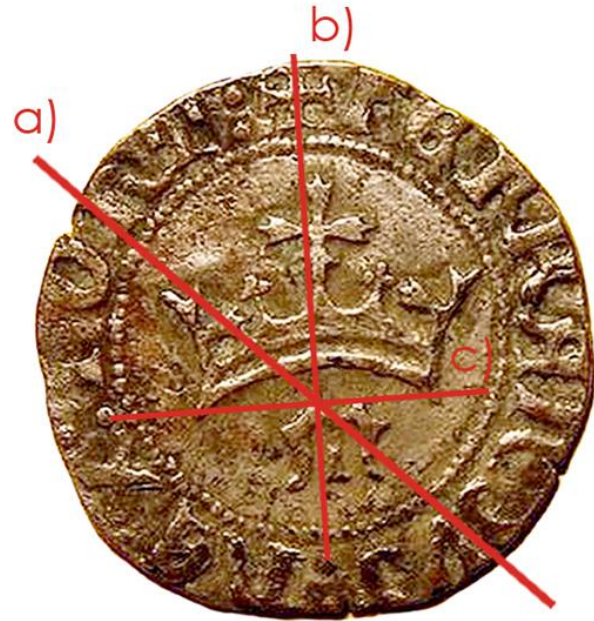
encaixe total
nos separadores
(pontos e aneletes)

GEOMETRIA

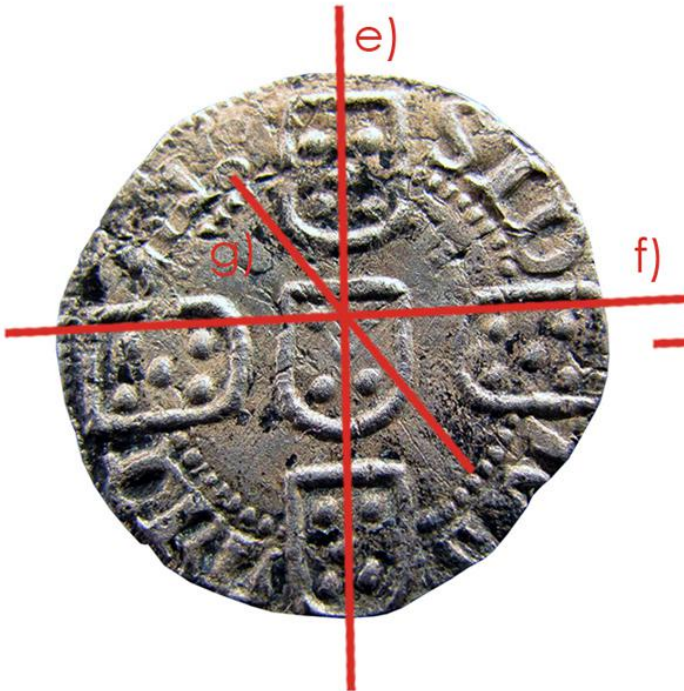
1.



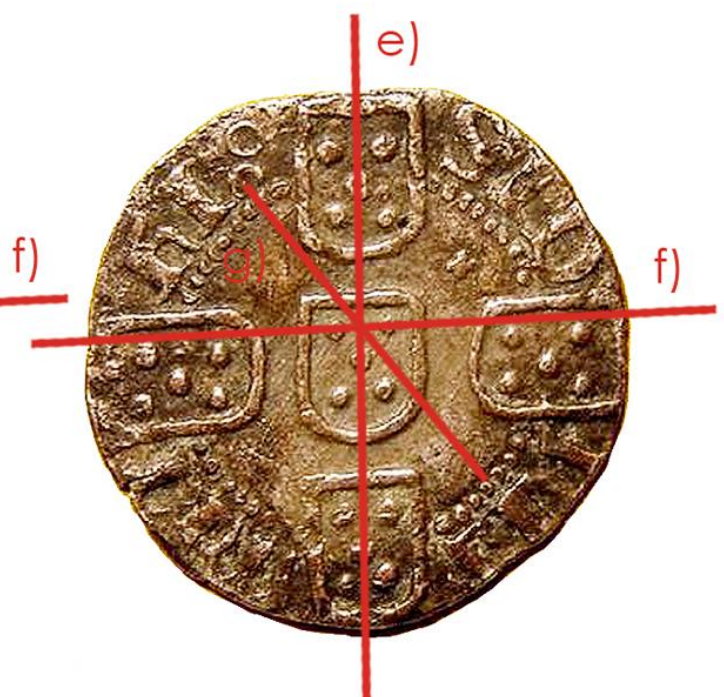
2.



e)



e)



Comparando as moedas 1. e 2. através de linhas imaginárias e a partir de "pontos" estratégicos, quer o anverso quer o reverso apresentam exatamente a mesma geometria. Têm precisamente as mesmas inclinações, os mesmos espaços, as mesmas coincidências e os mesmos tamanhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o Pilarte uma moeda lavrada ainda dentro do contexto das guerras Fernandinas nota-se, ao contrário do que seria esperado numa época com as devidas condicionantes, uma grande atração por entre a maioria dos cunhos analisados divididos pelos vários locais associados ao lavramento.

Escudetes

Por entre os elementos constituintes deste tipo monetário, de salientar os escudetes, neste caso dispostos em cruz. Estes elementos foram relativamente diferenciados entre as casas de Lisboa, Porto e Miranda do Douro, sendo de pequena área e de geometria ogival no primeiro caso, enquanto nas restantes casas, por via da arte local, ou quem sabe, por via da necessidade de reconhecimento e distinção de produção, surgiram escudetes mais rudes de geometria *quasi-retangular* e de dimensões avantajadas. Nota-se desde já pelos escudetes, a primeira relação atípica entre as moedas que ostentam a letra monetária **P** e as que contém a letra monetária **M**.

Besantes

Dispostos em aspa, os besantes são relativamente de menor raio nas moedas de Lisboa, estando no entanto mais aconchegados entre si, enquanto nos restantes locais de lavramento apresentam-se com um maior raio e ligeiramente mais esparsos.

Sinais ocultos

Da enorme variedade de sinais ocultos associados aos Pilartes batidos em Lisboa, e que na sua maioria encimam a coroa, continuando ainda hoje esta questão sem solução à vista, o que nos parece de maior relevância situa-se no reverso, um anelete presente entre os escudetes central e superior (elemento já conhecido nos dinheiros novos do mesmo monarca e relacionado com uma das fornaças da casa da moeda de Lisboa).

Não é estanque esta aproximação, os Pilartes batidos na casa da moeda do Porto contendo no reverso escudetes ligeiramente ogivais, também marcaram com o mesmo sinal e, curiosamente, no mesmo local. De notar que os pilartes do Porto com escudetes aproximados ao retângulo apresentam o sinal oculto em forma de anelete no primeiro ou segundo quadrante do reverso.

Não é habitual os Pilartes marcados com a letra monetária **M** possuírem sinais ocultos no anverso. No entanto, possuem habitualmente sinais em forma de quadrifólio no primeiro e segundo quadrante no reverso. De novo, forte relação entre a aposição da maioria dos sinais da casa **M** e a casa **P**.

Coroa

Por entre todos os elementos, talvez a coroa seja o mais linear no conjunto por entre os três locais associados ao batimento deste tipo numismático. Exemplares do Porto e de Miranda do Douro parecem apresentar uma coroa com maior definição, no entanto fruto do conhecido desvanecimento, este fator não é deveras decisivo.

Legendas

As legendas das moedas medievais são constituídas por várias letras e separadores, espaçados entre si, cada um destes elementos seria trabalhado a punção por um artesão e cada punção trabalhado por um ferreiro da fornaça do ferro. É por isso um processo em cascata não linear. A análise deve ser feita tendo em conta um estilo médio, aí verifica-se uma grande atração entre a casa **P** e **M**, apresentando estas um estilo mais dentro do formalismo gótico enquanto a casa da moeda de Lisboa nos parece mais liberal, usando um estilo epigráfico, mais conotado com o latino.

Gráficas

Um dos elementos mais difíceis de analisar e que requer maior experiência no reinado de D. Fernando são as gráficas e os respectivos punções que fazem o delineamento das mesmas. Nos Pilartes, estas são serrilhadas e sem grande divergência. Por ser um elemento extremamente complexo e uma vez que os falsários modernos não sabem como era feito este punção, quando bem estudado, torna-se um elemento decisivo na detecção de contrafações.

Relação entre os diversos locais de cunhagem

Ao estudar-se o Pilarte, rapidamente somos induzidos para uma forte relação entre os Pilartes **P** e os Pilartes **M**. Na nossa opinião, os ferros dos Pilartes **M** podem ter sido abertos na casa do Porto, ou em análise alternativa, as matrizes e artesãos dirigiam-se do Porto para este local de cunhagem temporário em tempo de guerra.

Não é de excluir também um certo tipo de relação entre a casa de Lisboa e a do Porto, principalmente devido à colocação do anelete entre os escudetes central e superior e ao aspeto mais ogival destes escudetes. Numa época de crise e apenas como mera hipótese, aventa-se a possibilidade de terem sido enviados ferros de Lisboa para o Porto marcados com o anelete descrito.

Viciadas

O principal alvo dos burlões numismáticos no caso da viciação é o Pilarte **M**, por ser bem recebido e apreciado no mercado colecionista, atingindo uma boa valorização, cerca de 10 vezes superior, comparado com o pilarte Pilarte de Lisboa, o vigarista procura um Pilarte de Lisboa com a cruz coroada no anverso e altera por repuxo ou colagem a cruz para um **M** gótico. Embora alterando esta característica, o artesão não consegue alterar todas as características descritas, como sejam os escudetes, os sinais ocultos, os besantes ou o próprio estilo epigráfico.

Falsas

De novo o principal alvo dos falsários costuma ser o Pilarte **M**, como referido, um Pilarte altamente valorizado. Este tipo de moeda contrafeita em nada se enquadra com os exemplares referenciados, peca pelas deficiências estilísticas, pela má colocação de sinais ocultos e até o criacionismo livre que em nada se enquadra na época. O Pilarte falsificado que mais colecionadores enganou surgiu em 2010, temos nos nossos arquivos, dezenas de moedas destas matrizes que foram sendo ligeiramente alteradas. Crê-se que algumas falsificações tenham sido batidas sobre chapas da época, provavelmente Pilartes de Lisboa em péssimo estado de conservação.

